

ÉDOUARD
DUJARDIN
OS
LOUREIROS
ESTÃO
CORTADOS

Traduzido do francês
por Francisco Silva Pereira



I

Um entardecer de sol poente, ar distante, céu profundo; e turbas confusas em movimento; barulhos, sombras, multidões; espaços que se prolongam infinitamente no esquecimento; um entardecer indefinido...

E, sob o caos das aparências, entre o tempo e o espaço, na ilusão das coisas que se geram e se concebem, e na eterna fonte das causas, surjo eu – um entre os outros, um como os outros, distinto dos outros, semelhante aos outros, parecendo igual e todavia diferente; um que, por conseguinte, surge de todos e da infinidade de existências possíveis, e entra naquilo que é; e eis que se define o tempo e se define o lugar: é o Agora; é o Aqui; a hora que soa e a vida que me rodeia; ergo em mim o triste amante do mistério genital; opõem-se em mim e a mim o corpo frágil e o pensamento fugaz do que está para acontecer; e nasce-me o sonho sempre vivido do desejo

ÉDOUARD DUJARDIN

desesperado e disperso em múltiplas visões... Eis a hora, o lugar, um entardecer de Abril, Paris, uma tarde clara de sol poente, os barulhos monótonos, as casas brancas, a folhagem de sombras; a tarde mais suave e a alegria de ser alguém, de ir; as ruas e as multidões, e no ar tão distante e disperso, o céu; Paris canta à minha volta e, na bruma das formas entrevistas, enquadra indolentemente a ideia; tarde do Hoje, ah, tarde do Aqui; cá estou.

... E está na hora; qual? seis; seis horas neste relógio, a hora esperada. A casa na qual devo entrar: onde me vou encontrar com alguém; a casa; o vestíbulo; entremos. A noite cai; o ar está agradável; há uma alegria no ar. A escada; os primeiros degraus. Ele ainda deve estar lá; e se por acaso já saiu? Já o fez algumas vezes; todavia, quero contar-lhe o meu dia d'hoje. O patamar do primeiro andar; a escada larga e clara; as janelas. Confiei-lhe, a este bom amigo, a minha história de amor. Que bela noite vou ter! Finalmente, ele vai deixar de gozar comigo. Que noite deliciosa! Porque é que a passadeira da escada está revirada neste canto? cria uma mancha cinzenta no vermelho que sobe, no vermelho que sobe de degrau em degrau. O segundo andar; a porta à esquerda;

«Cartório». Espero que ele não tenha saído; onde o havia de procurar? paciência, ia até ao *boulevard*. É melhor entrar, e depressa. A sala do Cartório. Onde está o Lucien Chavainne? A sala grande e as cadeiras dispostas em círculo. Lá está ele, junto à mesa, debruçado; tem o casaco e o chapéu consigo; arruma os papéis à pressa com outro funcionário. Ao fundo, a estante com as suas pastas azuis, atadas com cordéis. Paro à entrada. Que prazer, contar esta história. O Lucien Chavainne levanta a cabeça; vê-me; olá.

— Ah, é você? Chegou mesmo a tempo; sabe, saímos às seis. Pode esperar por mim? Descemos juntos.

— Muito bem.

A janela está aberta; lá atrás, um pátio cinzento, cheio de luzes; as paredes altas e cinzentas, claras graças ao bom tempo; dia feliz. A Léa foi tão simpática quando me disse «vemo-nos esta noite»; tinha aquele seu sorriso bonito e malandro, como há dois meses. Em frente, numa janela, uma criada; está a olhar; acabou de corar; porquê? ela afasta-se.

— Cá estou eu.

É o Lucien Chavainne. Traz a sua bengala; abre a porta; saímos, descemos os dois a escada. Ele:

ÉDOUARD DUJARDIN

— Trouxe o seu chapéu de coco...

— Sim.

Fala comigo num tom de censura. Porque não havia eu de usar um chapéu de coco? Este rapaz acredita que a elegância reside nestas trivialidades. A portaria; sempre deserta; estranha casa esta. Será que o Chavainne me vai fazer um pouco de companhia? Torna-se maçador com esta mania de nunca se desviar do seu percurso. Chegamos à rua; um carro^[1] à porta; o sol ainda ilumina as fachadas, como se elas estivessem em chamas; à nossa frente, a Torre Saint-Jacques; seguimos na direcção da Place du Châtelet.

— Então e a sua paixão? — pergunta ele.

Vou-lhe contar.

— Continua praticamente na mesma.

Avançamos lado a lado.

— Vem de casa dela?

[1] *Voiture*, no original. Tendo em conta a data da primeira publicação desta obra (1888), optou-se pelo termo «carro» por ser mais abrangente, uma vez que as viaturas de tracção animal eram as mais abundantes (sendo igualmente abundantes as suas designações) e a produção em série do automóvel só se daria mais tarde. (N. T.)

— Sim, fui vê-la. Conversámos, cantámos e tocámos piano durante duas horas. Marcou encontro comigo esta noite, depois do teatro.

— Ah.

E com que encanto.

— E você, o que é que tem feito?

— Eu? Nada.

Um silêncio. Aquela rapariga encantadora; ficou zangada por não conseguir acabar as canções; eu não atinava com o compasso, mas não admiti a minha falha; vou prestar mais atenção esta noite, quando recomeçarmos.

— Sabia que ela agora só aparece no começo do espectáculo? Vou esperá-la ao *Nouveautés*, por volta das nove; vamos dar um passeio de carro; no Bois, de certeza; o tempo está tão agradável. Depois, levo-a a casa.

— E vai tentar ficar?

— Não.

Deus me livre! Será que o Chavainne nunca há-de entender o que sinto?

— Você é incrível — diz-me ele —, com esse seu platonismo.

Incrível! Platonismo!

— Sim, meu caro, é assim que vejo as coisas; gosto de agir de forma diferente da dos demais.

ÉDOUARD DUJARDIN

— Mas, meu caro amigo, não tem noção do género de mulher com quem está a lidar.

— Uma rapariga dum teatro de segunda categoria; perfeitamente; e é por isso mesmo que me dá gosto proceder assim.

— Espera despertar-lhe o interesse?

Está a gozar comigo; é insuportável. Pois bem, não, ela não é esse género de rapariga. E mesmo que fosse!... a Rue de Rivoli; atravessemos; cuidado com os carros; tanta gente esta tarde; seis horas, é a hora de ponta, especialmente neste bairro; a buzina do eléctrico; é melhor desviarmo-nos.

— Há um pouco menos de gente no lado direito — digo.

Seguimos pelo passeio, perto um do outro. Diz o Chavainne:

— Pois bem, esse prazer não vale o que custa. Há três meses que conhece essa rapariga...

— Frequento a casa dela há três meses, mas sabe muito bem que a conheço há mais de quatro.

— Seja. Há quatro meses que você se arruína em vão.

— Está a fazer pouco de mim, meu caro Lucien.

— Antes de lhe ter sequer dito uma palavra que fosse, deu-lhe, por intermédio da criada, quinhentos francos.

Quinhentos francos? não, foram trezentos. Mas é verdade que eu lhe falei em quinhentos.

— Se acredita — continua ele — que esse género de munificência leva uma mulher do teatro a retribuir-lhe a generosidade... Mude de sistema, meu amigo, ou não vai receber nada.

Raciocínio irritante! Será que ele não vê que, se não recebo nada, é porque não quero nada? Estou a perder tempo a falar com ele sobre estas coisas. Mudemos de assunto.

— Pois, meu caro, prefiro estas patéticas a perder estupidamente o meu tempo com casos absurdos de uma noite.

Ora, toma lá esta! Agora, perdeu o pio. Sem dúvida que é um excelente amigo, o Lucien Chavainne, mas tão esquivo no que toca aos sentimentos. Amar; e honrar o nosso amor, respeitar o nosso amor, amar o nosso amor. Se estamos em movimento, o tempo torna-se quente; desabotoo o sobretudo; esta noite, não levo o casaco para sair com a Léa; será melhor a sobrecasaca; posso levar o meu chapéu de seda; o Chavainne tem alguma razão; além do mais, com uma sobrecasaca, não posso usar chapéu de coco. A Léa quase nunca comenta a minha roupa; todavia, deve reparar nela. Diz o Chavainne:

- Vou ao Francês esta noite.
- O que é que está em cartaz?
- *Ruy Blas*.
- Vai ver isso?
- Porque não?

Não vou responder. Alguém vai ver *Ruy Blas* em mil oitocentos e oitenta e sete? Ele continua:

- Nunca vi esta peça e, admito, estou curioso.
- Afinal, não passa dum velho romântico.
- E é você que me chama romântico?
- E isso quer dizer o quê?
- Você é que é um romântico incurável.

Então e a história da sua paixão?... Fomos uma vez ao *Nouveautés*, assistir não sei a quê... Bela ideia que tivemos... Estava lá um «pajem» que nos despertou a atenção...

Tão bonita que ela era!

— Meu amigo, passou o Inverno todo a dar voltas à cabeça e agora só pensa em disparates. Francamente... E lembre-se que fui eu que, à saída do teatro, fui ver o cartaz e lhe disse o nome de Léa d’Arsay... E logo começou o seu entusiasmo; agora, é um amor platónico.

Passa um senhor elegante, com uma rosa na botoeira; também tenho de levar uma flor esta noite; e podia muito bem levar qualquer coisa